

CONTRA O REDUCIONISMO LINGUÍSTICO: um estudo de caso sobre a série *Accents Of The World* da página *Unpuzzled English* no Instagram

Marianna Collares Soares Rego¹

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, RS, Brasil

Camila Gonçalves dos Santos do Canto²

Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Jaguarão, RS, Brasil

Resumo: Este artigo visa a analisar a série de vídeos *Accents Of The World* da página *Unpuzzled English* no Instagram, criada por uma professora de inglês brasileira. Para dar conta desse objetivo, este estudo se ancorou não só na interface entre Sociolinguística e Aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), conforme proposto por Fragozo (2018), como também em outros diálogos entre pesquisas no campo da Linguística Aplicada (LA), a exemplo dos estudos de Crystal (2012), Holliday (2013) e Albuquerque e Becker (2021). Nesse sentido, um breve estudo de caso (Gil, 2002) foi realizado através de questões norteadoras que subsidiaram a análise de 11 vídeos do perfil. Por fim, concluiu-se que o trabalho de divulgação linguística e científica pode contribuir ativamente para uma educação linguística menos preconceituosa, ao passo que outros professores se empoderam com o conhecimento instrumental necessário para o combate ao reducionismo linguístico.

Palavras-chave: Sotaque; Pronúncia; Diversidade linguística.

Title: AGAINST LINGUISTIC REDUCTIONISM: a case study on the Accents Of The World series from the Unpuzzled English page on Instagram

Abstract: This paper aims to analyze the Accents Of The World series on the Unpuzzled English page on Instagram, which was created by a Brazilian English teacher. In order to achieve this goal, this case study was based not only on the interface between Sociolinguistics and Foreign Language Learning (FL) proposed by Fragozo (2028), but also on other researches being carried out in the Applied Linguistics (AL) field, e.g Crystal (2012), Holliday (2013), Albuquerque e Becker (2021). In this regard, a brief case study was developed through guiding questions that supported the analysis of 11 videos from that page. Lastly, it was concluded that the work of linguistic and scientific dissemination may actively contribute to a less biased linguistic education whereas other teachers are empowered with the instrumental knowledge needed to combat linguistic reductionism.

Keywords: Accent; Pronunciation; Linguistic diversity.

¹ Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – área de concentração: Estudos da Linguagem. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6399-3757>. E-mail: mariannacollaressoares@gmail.com.

² Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Letras – Português da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9786-0343>. E-mail: camilasantos@unipampa.edu.br.

Introdução

Desde que a língua inglesa atingiu o *status* de língua global, temos discutido o impacto dessa posição no que tange ao ensino e à aprendizagem de línguas. No contexto da Linguística Aplicada (doravante LA), essa classificação é dada a uma língua que é utilizada como meio de comunicação entre pessoas que não compartilham uma língua materna em comum. Geralmente, uma língua franca é escolhida por sua utilidade prática e ampla compreensão entre os participantes, permitindo que pessoas de diferentes origens linguísticas possam se comunicar de maneira eficaz (Seidlhofer, 2010).

Uma série de mudanças sócio-histórico-culturais, como a globalização, o estreitamento das relações comerciais e o advento das tecnologias digitais, especialmente as tecnologias móveis, contribuiu com a consolidação desse *status*. Tais alterações nas lógicas de comunicação e de mercado impactam o campo do ensino de inglês, diretamente, porque o ato de aprender inglês se transformou em algo, para muitos, necessário à ascensão profissional e às melhores oportunidades de estudo. Para Crystal (2012), a globalização trouxe consigo o fácil acesso à informação através da internet. Isso significa que materiais de aprendizagem, como cursos on-line, tutoriais em vídeo, aplicativos e recursos educacionais, podem ser facilmente acessados por pessoas de diferentes partes do mundo. Essa ampla disponibilidade de materiais torna o aprendizado de inglês mais acessível a quem antes não tinha acesso a recursos de qualidade.

Em contrapartida, as mudanças do/no mundo globalizado não só afetaram os aprendizes de inglês como também os professores desse idioma. Isso porque essas alterações emergentes lançaram desafios aos docentes de língua inglesa como língua estrangeira³: as discussões sobre variação linguística que não se reduzem ao inglês geral americano e britânico, já que “a língua é também um fenômeno social e, assim, linguagem, comunicação e cultura estão diretamente relacionadas” (Fragozo, 2018, p. 1). Nesse sentido, as práticas linguísticas não se restringem a um único conjunto de práticas culturais.

Tendo esse panorama em vista, este trabalho visa a analisar uma série de vídeos selecionados, minuciosamente estudados e compartilhados por uma professora de inglês brasileira em 2022, na sua página *Unpuzzled English*⁴ no *Instagram*, na série denominada *Accents Of The World* (sotaques do mundo). Para dar conta desse objetivo, os vídeos foram mapeados e analisados de acordo com as questões norteadoras definidas. Para subsidiar a discussão, este artigo lança mão da interface entre Sociolinguística e Aprendizagem de Língua Estrangeira (Fragozo, 2018), do conceito de sotaque (Jenkins, 2000), da noção de inteligibilidade (Albuquerque; Becker, 2021) e da metodologia de estudo de caso (Gil, 2002). Por fim, para subsidiar a hipótese de que esses vídeos podem empoderar professores de

³ Cientes das problematizações que envolvem os termos “segunda língua”, “língua estrangeira” e “língua adicional”, utilizaremos “língua estrangeira” ao longo de todo o texto, de acordo com Madeira (2017). A autora enfatiza que a nomeamos “estrangeira” devido ao contexto de aprendizagem formal, cuja exposição à língua se dá de forma sequencial e estruturada.

⁴ Para maiores informações sobre a professora e o seu trabalho em prol do inglês global: https://www.instagram.com/unpuzzled_english/. Acesso em: 20 jul. 2023.

inglês a darem mais espaço a outros falantes estrangeiros em suas práticas pedagógicas, a seção de comentários dos vídeos também foi analisada. O artigo, então, está organizado em três seções, a saber: referencial teórico, metodologia e análise dos dados e considerações finais.

A evolução da língua inglesa e os desafios contemporâneos para o seu ensino em um mundo globalizado

Historicamente, a língua inglesa passou por, pelo menos, quatro importantes períodos de transformação: do Inglês Antigo ao Inglês da Idade Média, ao Inglês Moderno Inicial e ao Inglês Moderno como conhecemos hoje em dia, sob constante influência das mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Conforme pontuado por Alves e Battisti (2014), essas alterações impactaram sua natureza fonético-fonológica, morfológica e sintática. Para compreendermos os efeitos dessas mudanças, é importante, primeiro, salientarmos que o processo de variação linguística sofreu influências sócio-histórico-culturais, mas que essas não se organizaram aleatoriamente.

Uma das contribuições mais significativas nesse campo é a pesquisa de William Labov (2009 [1964]), o qual demonstrou de maneira convincente que esse processo é regido por princípios lógicos e sistemáticos. Através de sua abordagem, ele estabeleceu a base para a compreensão de que a variação é um reflexo da diversidade e da dinâmica das interações sociais e culturais, ou seja, de uma combinação de fatores linguísticos e extralinguísticos. Desde então, a Sociolinguística Variacionista e sua metodologia de estudo têm contribuído ativamente para os estudos das diversidades linguísticas, as quais resultam do processo de variação. Nesse sentido, é possível estabelecermos uma relação entre a Sociolinguística e a Aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE), de acordo com Fragozo (2018), visto que o contexto social influencia esse tipo de aprendizagem.

Embora as mudanças tenham sido de diferentes naturezas, como pontuam Alves e Battisti (2014), e, conseqüentemente, tenham resultado em diversos estudos sociolinguísticos no geral, um dos pontos em que o campo da LA tem dialogado com a Sociolinguística é a relação entre pronúncia e sotaque. Durante muito tempo, o aprendizado efetivo do inglês foi associado exclusivamente ao alcance da competência linguística nativa, a nível fonético-fonológico, lexical e gramatical. Essa ênfase, segundo Fragozo (2018), provém da forma como o falante nativo foi retratado como “autoridade”, alguém que tem total domínio sobre sua língua, em teorias de aquisição de LE. No entanto, estudos como os de Rajagopalan (2008 *apud* Fragozo, 2018) e de Holliday (2013) corroboram o combate ao chamado reducionismo linguístico, ou seja, ao fato de que a língua inglesa, em seu uso internacional, não pode se reduzir ao inglês americano e britânico “padrões”, falados em Nova Iorque e em Londres, respectivamente.

Holliday (2013), em sua obra *The Struggle To Teach English As An International Language*, discute o conceito de *nativespeakerism*, ou seja, o preconceito em relação aos falantes não nativos de inglês. Na sequência, o autor aborda esse conceito novamente ao

destacar que tal preconceito em relação aos falantes estrangeiros não é apenas exercido por falantes nativos, mas também pelos próprios falantes não nativos que validam a ideia de superioridade. Logo, essa é uma parte importante da discussão sobre as atitudes e as hierarquias linguísticas presentes no ensino e no aprendizado do inglês. No contexto dessa língua internacional, em que há mais falantes estrangeiros do que nativos, é bastante improvável delimitar o contato apenas com falantes nativos.

Considerando essa realidade, outro conceito tem sido bastante discutido no campo de estudos de aprendizagem de LE: o de inteligibilidade⁵. Este, no senso comum de muitos falantes estrangeiros, que emerge da visão de “autoridade” adotada em relação aos falantes nativos de inglês, conforme pontua Fragozo (2018), diz respeito à fala “idêntica” à nativa. No entanto, desde a década de 40, com os estudos de Abercrombie (1949, p. 1204 *apud* Albuquerque; Becker, 2021 p. 235), vem-se discutindo que essa noção, na verdade, refere-se à “pronúncia confortavelmente inteligível”, ou seja, ao alinhamento das percepções dos ouvintes com as intenções dos falantes (Derwing; Munro, 2015, p. 14 *apud* Albuquerque; Becker, 2021, p. 237). Esse alinhamento pode sofrer influências, principalmente, da similaridade entre a língua materna (LM) e a língua estrangeira, já que a produção oral em LE receberá transferências fonético-fonológicas da LM, as quais serão responsáveis pela presença de sotaque no ato de fala. Esse sotaque, assim, relaciona-se à identidade linguística do falante, o qual, por meio de instrução implícita e explícita dos sons da língua inglesa no processo de ensino e de aprendizagem do idioma, poderá se comunicar efetivamente, independentemente de sua nacionalidade.

Por essa razão, o ensino de inglês como língua global no mundo contemporâneo exige uma abordagem sensível à diversidade linguística e cultural, fundamentada na compreensão sociolinguística das complexas interações entre língua, sociedade e identidade. Isso implica a valorização e a validação das variedades não nativas do inglês, além da promoção da conscientização sobre o impacto das ideologias linguísticas nas práticas de ensino e de aprendizagem. Essa abordagem, no entanto, não deve dissociar língua e cultura, pois não se trata de “uma atividade ‘extra’, ou como uma quinta habilidade a ser aprendida (escrita, fala, escuta e cultura), e sim como um pano de fundo durante todo o processo de aprendizagem” (Fragozo, 2018, p. 164).

Nesse ínterim, os desafios são desenhados desde a formação inicial dos professores de inglês. A complexidade envolvida no processo de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras que “se caracteriza mais do que a habilidade de produzir e compreender sentenças na língua-alvo” (Fragozo, 2018, p. 151) requer um alto domínio instrumental das teorias que irão subsidiar suas práticas. Os mais variados cursos de Letras no Brasil, por exemplo, fornecem o acesso às noções básicas de língua e de sociedade; contudo, muitos professores pré-serviço parecem confundir elementos-chave (como variação e diversidade

⁵ No campo de Aprendizagem de LE, o termo “inteligibilidade” pode variar, ou seja, pode ser conceituado como “interpretabilidade”, “aceitabilidade” ou “compreensibilidade”; não há consenso entre os autores da área. Neste artigo, utilizaremos apenas “inteligibilidade”, por este estudo estar ancorado, majoritariamente, nas discussões de Albuquerque e Becker (2021).

linguística) mesmo após a metade da graduação, conforme os resultados do projeto pedagógico desenvolvido por Alves e Battisti (2014). Se a concepção prévia de um docente em formação não acompanhar a noção de língua(gem), que é viva e implica na construção de múltiplas identidades, influenciada pelo contexto social geral e pelas comunidades de prática específicas, há grandes chances de esse profissional endossar o preconceito em relação às variedades de menor prestígio. Segundo Alves e Battisti (2014):

O ensino tradicional de língua inglesa, em cursos livres e nos próprios ambientes universitários, tende, entretanto, a priorizar apenas uma variedade da língua. Dependendo do material didático utilizado, essa variedade é a britânica ou a americana, em seu registro formal e conforme um padrão, isto é, sem características linguísticas que identificariam o usuário como originário desta ou daquela região, pertencente a uma dada classe social, com uma certa idade e gênero. É esse padrão o que as regras da gramática (normativa) expressam. Tal fato, de certo modo, justifica-se porque é a partir do domínio da variedade padrão que o aprendiz da língua poderá ascender socialmente, pela aprovação em exames internacionais e em seleções de emprego. Nesse sentido, exige-se do profissional de língua inglesa um conhecimento detalhado acerca de tal variedade (Alves; Battisti, 2014, p. 2).

É sabido que esse ensino segue uma lógica mercadológica e que isso exerce um papel crucial na determinação das prioridades do que “deve” ser ensinado. Essa exigência, conforme Phillipson (1992), versa sobre a defesa de uma hegemonia linguística utópica. Como a globalização impulsionou a interconectividade entre culturas e economias, a demanda por proficiência em inglês se intensificou, o que ampliou a necessidade de uma língua de contato para a comunicação internacional. Como resultado, existe uma pressão para se preparar os alunos para exames internacionais e para atender às expectativas de empregadores globais, que frequentemente valorizam a fluência em uma variedade “padrão”. Aos professores resta, então, tentar encontrar um balanço entre teoria e prática que busque, senão romper, ao menos problematizar tanto os seus papéis quanto os de seus alunos como falantes de inglês nesse cenário.

Tendo isso em vista, as redes sociais, até certo ponto, apresentam-se como um caminho alternativo, rápido e eficaz de acesso a outras variedades linguísticas e culturais, desde que se assuma uma abordagem crítica e reflexiva na promoção de vivências autênticas de compreensão, de instrução e de práticas linguísticas para aprendizes, bem como para professores do idioma. Do ponto de vista docente, outro desafio que também segue essa lógica de mercado é a curadoria dos materiais que poderiam complementar o material didático. O questionamento emergente é: se o professor, seja o recém-formado, seja o que tem alguns anos de experiência, não conseguiu dialogar com questões-chave ao planejar suas aulas, como o reducionismo linguístico será combatido?

Logicamente, essa é uma questão muito complexa, a qual mobiliza o campo da LA há algum tempo. Canagarajah (2013) explora a urgência de flexibilidade docente ao propor e

discutir as práticas translíngues⁶ no ensino de inglês. Sob o pano de fundo dessas práticas e da globalização, segundo o autor, é possível colocarmos em perspectiva o que tem ocorrido atualmente em relação aos professores de inglês, os quais se colocam nas redes sociais para combater esse reducionismo. Sendo assim, por meio do compartilhamento de conhecimento instrumental (seja fortalecendo as diversidades linguísticas no geral, considerando desde os aspectos fonético-fonológicos aos lexicais e sintáticos, seja explorando tópicos mais pontuais, como a dicotomia sotaque e pronúncia), os professores são convidados a deixar o lugar-comum para serem levados a questionar estereótipos linguísticos. Portanto, é através desse tipo de conhecimento que “o professor torna-se capaz de considerar as diferenças linguísticas e culturais entre os membros de uma comunidade, assim como seus valores sociais, de modo a desenvolver o currículo mais adequado para determinados contextos de ensino” (Fragozo, 2018, p. 1964).

Metodologia

Para dar conta do objetivo deste trabalho, que é analisar uma série de vídeos selecionados, minuciosamente estudados e compartilhados pela professora em 2022, na sua página *Unpuzzled English* no *Instagram*, na série denominada *Accents Of The World* (sotaques do mundo), um breve estudo de caso foi organizado. Essa metodologia, segundo Gil (2002), consiste “no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (Gil, 2002, p. 54). Para além de um simples estudo de natureza exploratória, atualmente, tal delineamento é visto como “o mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real” (Gil, 2002, p. 54). Portanto, esta seção se divide em duas subseções: uma breve contextualização sobre o recorte de análise e a própria análise de dados.

Uma breve contextualização sobre a série Accents Of The World e o recorte dos dados

A série *Accents Of The World* segue a premissa defendida pela professora em seu perfil *Unpuzzled English* como um todo no *Instagram*. Esse perfil, alimentado por uma docente com formação na área de Letras que é coordenadora da subseção do *BRAZ-TESOL*⁷ no Paraná, visa a compartilhar dicas para professores de inglês, especialmente em relação ao ensino e à aprendizagem de pronúncia. A página foi criada em junho de 2020 e segue a lógica dessa rede social: há *posts* escritos, vídeos curtos e longos, *lives* e, ainda, *stories* salvos nos destaques, para aqueles que acessarem o perfil entenderem do que ele trata. Inicialmente, a autora direcionava os conteúdos aos estudantes, mas, gradativamente, transformou a página por meio da veiculação de conhecimento mais instrumental sobre a

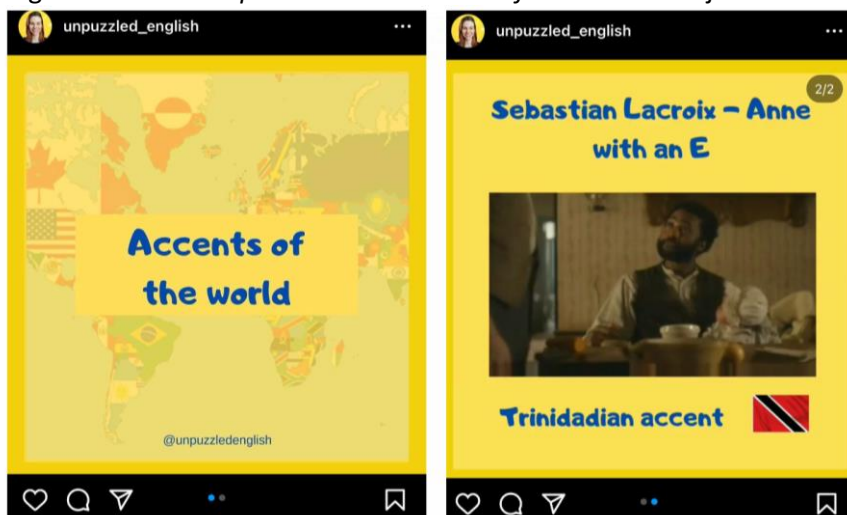
⁶ Embora o escopo deste artigo não seja discutir a translíngua, tal conceito está no pano de fundo da análise proposta, visto que a série *Accents Of The World* pode ser considerada um exemplo de prática pedagógica reflexiva e inclusiva, pela visão mais ampla e problematizadora adotada pela professora.

⁷ A maior associação brasileira de professores de inglês para falantes de outras línguas. Maiores informações em: <https://www.braztesol.org.br/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

língua. Até o momento da escrita deste trabalho, a página conta com mais de dois mil seguidores.

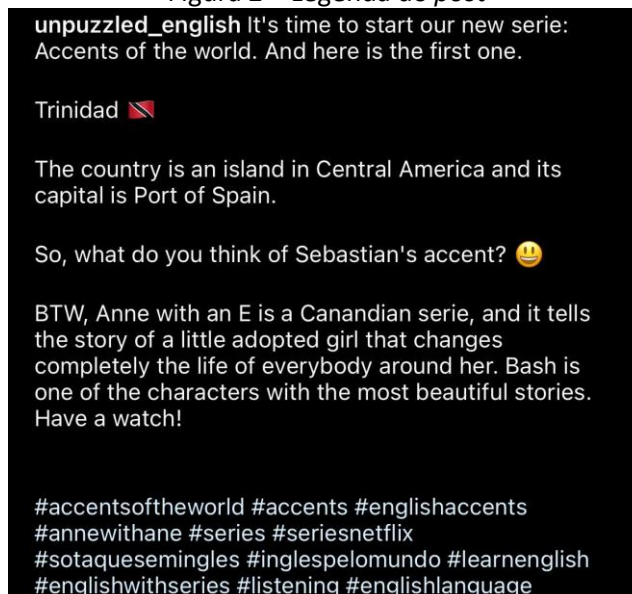
Nesse sentido, a série *Accents Of The World* passou por três momentos: durante os anos de 2020 e de 2021, semanalmente, a docente postou de dois a três carrosséis⁸ sobre a série. As postagens contam com uma capa de apresentação (Figura 1) e um falante estrangeiro, em um contexto não controlado, utilizando a língua inglesa. Na legenda, a professora tece comentários sobre o breve vídeo selecionado (Figura 2).

Figura 1 – Primeiro post da série *Accents Of The World* em julho de 2020



Fonte: Adaptado de @unpuzzled_english.

Figura 2 – Legenda do post



Fonte: Adaptado de @unpuzzled_english.

⁸ Carrossel é o nome dado ao gênero textual que funciona como uma espécie de álbum em que o autor pode compartilhar até dez fotos em um único *post* no *Instagram*. Em relação a sua tipologia, há interação de texto verbal e não verbal.

No segundo momento, em 2022, a série começou a ser veiculada através de vídeos, que também ficaram salvos no *feed* de notícias da página. Essa mudança, provavelmente impulsionada pela linguagem algorítmica da rede social, fez com que o alcance dos *posts* aumentasse. Além disso, a professora reformulou o conteúdo, pois passou a integrar os vídeos com as suas explicações e os seus exemplos próprios, muitas vezes em associações com o português brasileiro, baseados no que o falante em questão dizia. A legenda, por sua vez, apresentava o que ela dizia no vídeo em português; porém, era escrita em inglês. No entanto, a participação da professora parou de acontecer em meados de abril de 2022, quando ela decidiu voltar ao primeiro modelo de elaboração de *posts*, só que por meio dos *reels*⁹: vídeo-exemplo de falante em contexto não controlado + explicações e comentários na legenda. Por essa razão, o ano de 2022 foi escolhido como recorte por exemplificar esse trânsito entre mídias e gêneros textuais.

Depois da classificação das etapas no que diz respeito aos gêneros explorados para a divulgação dos sotaques, todos os vídeos postados de janeiro a dezembro de 2022 foram assistidos. Ao total, 26 vídeos foram compartilhados. Desses, 11 contam com a participação e a explicação oral da professora, ao passo que 15 se referem ao último gênero textual mencionado. Para esta análise, foram selecionados apenas os vídeos em que a professora está presente, numa espécie de aula assíncrona de pronúncia.

Por se tratar de uma rede social que redimensiona nossas práticas sociais, é essencial salientar que o nome da série, o *design* do conteúdo e o calendário não foram pensados aleatoriamente. A autora utiliza o nome *Accents Of The World* como uma espécie de guia (durante 2022) para organizar os sotaques por continente, o que não parece acontecer na primeira fase dessa série. Na subseção seguinte desta pesquisa, os dados serão analisados em consonância com as questões norteadoras elaboradas.

Análise de dados

Para subsidiar a análise de dados, posterior à definição do recorte, algumas perguntas norteadoras foram criadas, a saber:

- 1) A professora direciona os vídeos para professores de inglês brasileiros mais especificamente? De que forma?
- 2) A linguagem utilizada faz referência a teorias linguísticas?
- 3) O público tem se engajado com a série através de comentários (positivos, negativos ou questionamentos)? Esse público, se existente, é formado por professores?
- 4) Como a autora corrobora a visão de inglês global nesses conteúdos? Quais questionamentos ela propõe nas legendas desses materiais?

⁹ Nome dado aos vídeos curtos, de no máximo um minuto e trinta segundos de duração, que podem ser compartilhados no *Instagram*.

Em relação à questão (1), nos vídeos em que a autora está presente, há uma ênfase em associações com aspectos sonoros da língua portuguesa. Por isso, infere-se que esses, se não foram exclusivamente direcionados aos professores no início, foram progressivamente chamando a atenção dos docentes devido à riqueza de detalhes fonético-fonológicos na descrição do sotaque analisado, como, por exemplo, a presença e a variação do /r/ rótico e do não-rótico, de forma análoga aos estudos variacionistas de Labov (2009 [1964]).

Sobre a questão (2), percebe-se que as teorias linguísticas estão subsidiando essa análise, já que a professora tece análises baseadas em contraste com o que encontramos em manuais como *Teaching Pronunciation: a course book and reference guide*, de Celce-Murcia, Brinton e Goodwin (2010) – modo e ponto de articulação, por exemplo. Adiciona-se a isso o fato de que a postura da docente em prol do inglês global reitera a visão de Crystal (2012), de que “é perfeitamente possível construir uma situação em que inteligibilidade e identidade co-existem felizmente” (Crystal, 2012, p. 22, tradução nossa)¹⁰.

No que tange à questão (3), não é possível constatar um engajamento ativo através de comentários, mas os vídeos possuem um alcance considerável para o *Instagram*, ou seja, na linguagem algorítmica, isso significa que mais de 10% dos seguidores do *Unpuzzled English* os visualizaram, sem contabilizar os não seguidores da página. Alguns vídeos alcançaram mais de duas mil pessoas, o que parece ser um número considerável, já que se trata de um conhecimento bastante específico, o qual não seria o foco inicial dessa rede social. No entanto, dos 11 vídeos assistidos, 6 contam com comentários de outros professores. Desses comentários, 3 foram destacados por terem sido postados em 2 vídeos de sotaques considerados à margem do “padrão”:

- a) No sétimo vídeo compartilhado, a docente traz o sotaque queniano, com auxílio do qual ela explica o conceito de *unvoicing* (desvozeamento), fenômeno que se refere à mudança de um som consonantal sonoro para um surdo na fala. Nos comentários, a *Teacher 1* escreve: “*unvoicing* acontece muito com falantes hispanohablantes, em palavras como *example, basically*”.
- b) Ao ser trazido o sotaque de Uganda, no décimo vídeo, a *Teacher 2* comenta: “não só o sotaque dela é *lindo*, como o que ela tem a dizer também” (tradução nossa, grifo nosso)¹¹.
- c) Ainda sobre o sotaque de Uganda, a *Teacher 3* escreve: “amei a sua explicação e o sotaque é *gostoso* de ouvir” (grifo nosso).

Majoritariamente ocupada por professores de inglês, a seção de comentários é formada por dizeres mais superficiais e mais específicos. A *Teacher 1* vê nesse espaço uma oportunidade para inter-relação dos conhecimentos que possui ou para contribuir com a explicação de Bianca (a professora de inglês idealizadora da página e da série de vídeos), que, antes do vídeo, nunca havia refletido sobre. Já a *Teacher 3* escolheu um adjetivo um

¹⁰ Original: “*It is perfectly possible to develop a situation in which intelligibility and identity happily co-exist*”.

¹¹ Original: “*Not only is her accent beautiful, but what she has to say as well*”.

pouco intrigante para descrever esse sotaque. O que seria um sotaque *gostoso* de ouvir? Essa característica enfatiza sua melodia/seu encadeamento? Não seria mais pontual relacionar o quão agradável é escutar aquela falante devido aos aspectos de sua oratória pessoalmente (independentemente da língua)? Em contrapartida, parece que a explicação da autora também capturou a atenção dessa docente, o que pode ter impactado a escrita desse comentário. No caso da *Teacher 2*, algo similar ocorre quando ela utiliza o adjetivo *lindo* para descrever o sotaque, só que com o foco também na mensagem do vídeo analisado.

Por fim, a autora corrobora a visão de inglês global, por destinar tempo à curadoria desses materiais, todos autênticos, e à análise – pelo menos no recorte em questão – detalhada dos conteúdos, a fim de contribuir com o ensino de pronúncia, que se propõe a combater o reducionismo linguístico e o *nativespeakerism* (Holliday, 2013). A exemplo do 11º vídeo postado, ao abordar o inglês do centro de Londres, também conhecido como “inglês da rainha” (*Received Pronunciation*), a professora escreveu na legenda: “Lembre-se: embora muitas pessoas o amem, não é o ‘mais bonito’ ou ‘mais correto’. É apenas um dos muitos sotaques que existem, e é tão bonito quanto qualquer outro” (tradução nossa)¹². Além disso, na sequência, problematiza o sotaque texano ao reafirmar que “os Estados Unidos é um país enorme e não existe O sotaque americano, mas sotaques americanos, no plural” (tradução nossa)¹³.

Portanto, o trabalho da docente é um exemplo produtivo das discussões entre Sociolinguística e Aprendizagem de LE, visto que, para combater o reducionismo linguístico, ela instrui outros professores e falantes do idioma a refletirem criticamente sobre o *nativespeakerism*, bem como sobre a construção de inteligibilidade em LE, que não se limita aos sotaques de prestígio, conforme pontua Holliday (2013). Além disso, a professora lança luz às diversidades linguísticas resultantes do processo de variação, reiterando, assim, o papel da Sociolinguística na Aprendizagem de LE.

Considerações finais

Este artigo visou a analisar uma série de vídeos selecionados, minuciosamente estudados e compartilhados por uma professora de inglês brasileira em 2022, na sua página *Unpuzzled English* no *Instagram*, na série denominada *Accents Of The World* (sotaques do mundo). Sob o pano de fundo de temáticas ainda emergentes, como a globalização e o impacto das mudanças tecnológicas no acesso às línguas inglesas, o trabalho de divulgação científica e de investimento em instrumentalização de outros professores desse idioma realizado pela docente evidencia a necessidade de todos estarmos ativamente engajados no combate ao reducionismo linguístico.

¹² Original: “Remember: even though many people love it, it is not the ‘most beautiful’ or ‘more correct’. It is just one of the many accents that exist, and it’s just as beautiful as any other”.

¹³ Original: “USA is a huge country is a huge country and there is no such a thing as THE american accent, but American Accents, plural”.

Ao advogar uma visão de língua intrinsecamente conectada às diversas culturas, como Fragozo (2018) e outros tantos autores mencionados nesta breve pesquisa, Bianca não só pode colaborar para um melhor entendimento dos processos de variação e dos produtos em diversidade linguística por parte de outros docentes, conforme pontuam Alves e Battisti (2014), mas também pode desmistificar esses conceitos tão obscuros para inúmeros professores de inglês. A veiculação de material autêntico, como a série *Accents Of The World*, selecionado por professores qualificados, dentro de redes sociais onde as fronteiras são tênues, pode contribuir para uma educação linguística menos preconceituosa.

Referências

- ALBUQUERQUE, J. I. A.; BECKER, M. R. Inteligibilidade. In: KUPSKE, F. F.; ALVES, U. K.; LIMA JÚNIOR, R. (Orgs.). *Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução*. Campinas: Editora da ABRALIN, 2021. p. 235-258. E-book. Disponível em: <https://editora.abralin.org/publicacoes/investigando-os-sons-de-linguas-nao-nativas/>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ALVES, U. K.; BATTISTI, E. Variação e diversidade linguística no ensino-aprendizagem de língua inglesa na graduação em Letras. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 24, n. 48, p. 291-311, 2014.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual practices: Global Englishes and cosmopolitan relations*. England: Routledge, 2013.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2012.
- FRAGOZO, C. S. CULTURA E SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA. *Fólio - Revista De Letras*, v. 3, n. 1, p. 151-167, 2011.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.
- HOLLIDAY, A. *The Struggle to Teach English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- JENKINS, J. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MADEIRA, A. Aquisição de língua não materna. In: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (Orgs.). *Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português*. Berlim: Language Science Press, 2017. p. 305-330.
- PHILLIPSON, R. *Linguistic Imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Recebido em: 30/03/2024.

Aceito em: 29/07/2024.